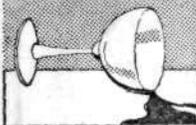


Sarney deixa procurador para receber intimação

Presidente não cumpre promessa de esperar oficiais de justiça 'como qualquer cidadão'

SANDRA SATO

FIM DE GOVERNO

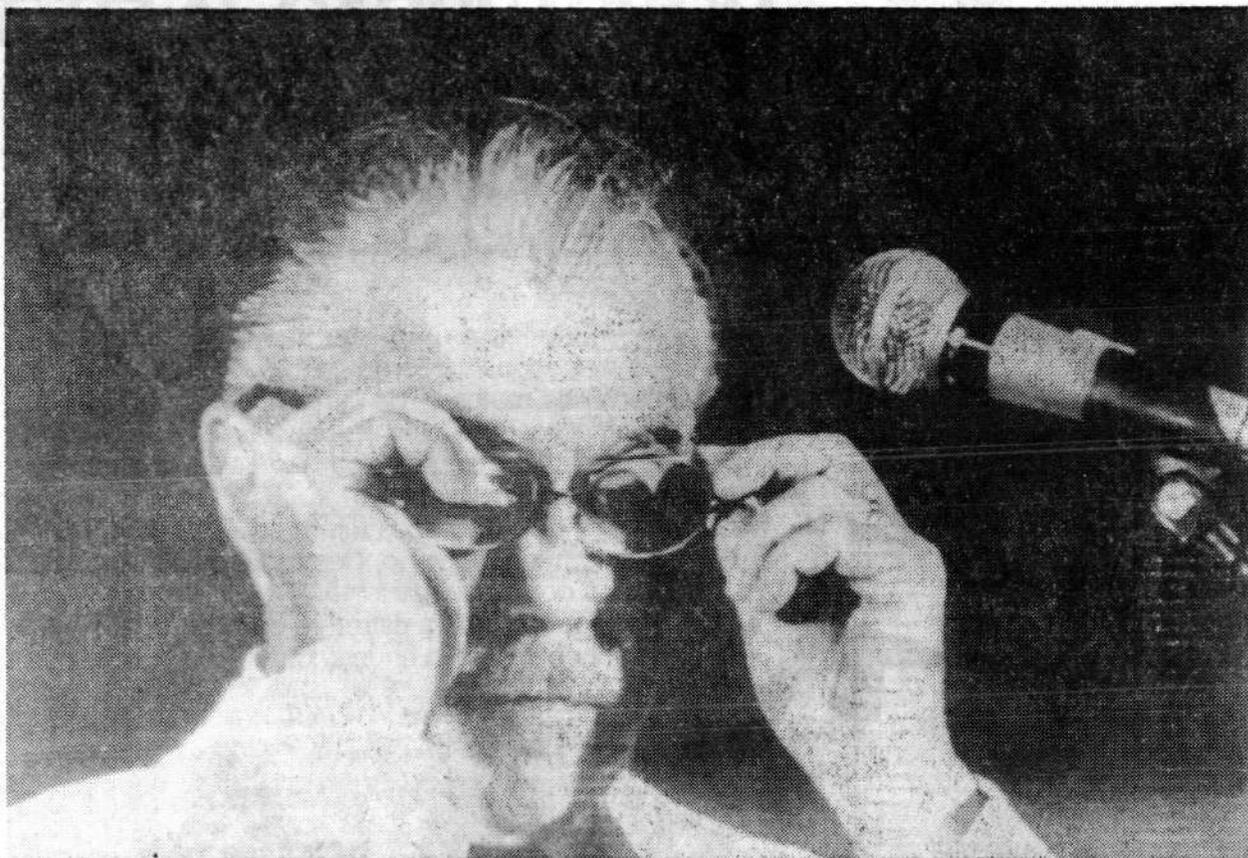


BRASÍLIA — O presidente José Sarney descumpriu o compromisso que assumiu na noite de segunda-feira, diante de milhões de "brasileiros e brasileiras", de receber ontem no Palácio do Planalto os oficiais de justiça que lhe entregariam intimação para prestar contas da viagem a Paris. Para fugir ao compromisso e escapar do constrangimento de receber a citação em seu gabinete, Sarney tornou seu procurador e consultor-geral da República interino, Sebastião Affonso, que recebeu a citação no fim da tarde de terça-feira.

"Eu vou receber a intimação como qualquer cidadão, garantiu o presidente em entrevista à TV Bandeirantes. Quando a gravação da entrevista de Sarney estava sendo exibida a todo o País, o presidente já sabia que não ficaria à disposição dos oficiais de justiça no Palácio, para a audiência das 14h50. Naquela segunda-feira, à tarde, Sarney nomeou Affonso seu procurador.

Outra ação popular contra o presidente José Sarney foi levada ontem ao Palácio do Planalto. É de autoria do advogado Ibeval Piveta, conhecido pela defesa de 3.500 presos políticos durante a regime militar. Ele também quer informações sobre a viagem a Paris. Os mesmos oficiais da 3ª Vara de Justiça de Brasília, Ileno Izídio da Costa e Mário Santana de Vasconcelos, que na sexta-feira tentaram citar o presidente, repetiram ontem a missão inglória de entregar a carta precatória. Sem sucesso, de novo.

Affonso explicou aos oficiais por que não receberia a carta precatória: "Estou esperando que seja publicada reconsideração da juíza no Diário da Justiça para receber a citação". A juíza Selene de Almeida havia devolvido a ação de Piveta, alegando haver outra igual. Depois, mudou de idéia.



Presidente Sarney: agora são duas ações populares para explicar gastos com viagem a Paris

Presidente ajuda a eleger imortal

MAGDA DE OLIVEIRA

RIO — O vírus do fisiologismo conseguiu chegar à Academia Brasileira de Letras (ABL): o candidato do presidente José Sarney, escritor e jornalista Antônio Olinto, deverá ser eleito hoje o mais novo imortal da academia. Ele concorre com a escritora Nélida Piñon, favorita até bem pouco tempo, mas atropelada no meio do caminho pela chamada "bancada do Planalto", acadêmicos que privam da intimidade dos gabinetes palacianos, quase todos nordestinos. Até ontem, Olinto já tinha garantidos 22 votos (precisa de 19 para vencer) contra 14 prometidos a Nélida. Ela tem muito prestígio junto aos imortais mais à esquerda do governo (minoría na ABL), ao contrário de Olinto que tem a seu favor todo o peso dos votos governistas.

Concorrem com os dois os escritores Ruy Bueno de Arruda

Camargo, paulista; Olavo Dantas, fluminense; Felisberto Silva, sergipano; Diógenes Magalhães, pernambucano, e o cordelista Raimundo Santa Helena, paraibano que se candidata pela vigéssima vez e jamais recebeu um único voto. Apesar do regime interno da ABL determinar que para ser imortal é indispensável ter, no mínimo, três obras publicadas, a realidade vem demonstrando que o poder tem sido, ultimamente, um grande aliado da imortalidade. Há imortais, como o neurologista Deolindo do Couto, que nunca exerceram atividades intelectuais.

A eleição começa às 17 horas mas os candidatos aguardarão o resultado longe da academia. Antônio Olinto, na sede da Aliança Francesa, em Copacabana, que lhe cedeu um salão porque o apartamento do candidato é pequeno para a recepção

que se seguirá à eleição. Nélida optou pelos salões do Hotel Eldorado, também em Copacabana, onde espera o resultado "preparada para a vitória". Os dois pretendem lutar "até o último cartucho" para ocupar a cadeira nº 30, deixada vaga pelo dicionarista Aurélio Buarque de Holanda.

Antônio Olinto, mineiro, mora em Londres há muitos anos, onde edita um pequeno tablóide literário sustentado pela publicidade de empresas brasileiras com interesses no Exterior. Escreveu alguns romances, um deles A Casa da Água, que foi traduzido para vários idiomas, mas destacou-se mesmo como crítico literário. Durante anos teve uma coluna no jornal O Globo. Nélida é carioca, escreveu 11 romances, teve uma intensa militância política e cultural durante o regime militar, ganhou prêmios literários.